

Esquerda dirá quem disputa com Collor

Se a disputa na esquerda apresentasse já resultados mais claros seria mais fácil examinar o quadro que se armará para a eleição no segundo turno. Brizola, Lula e Covas, com preponderância dos dois primeiros, continuam a ser alternativas e uma delas deverá se impor desde que, com a retirada de Silvio Santos, não parece provável que um dos candidatos *Afuf* (Afif e Maluf) se beneficie em escala apreciável. O curso das tendências de opinião colhidas pelos institutos de pesquisa deixam poucas dúvidas de que Fernando Collor está situado para a decisão. As especulações sobre o destino dos 10% de votos que preferiam o apresentador de televisão fulminado pela Justiça Eleitoral são precárias, e correm o risco de estar mais carregadas de desejo de que isso ocorra do que de observação do quadro eleitoral. Os eleitores de Santos pertencem às classes mais carentes de recursos e de educação, as mesmas nas quais domina sistematicamente a tendência pró-Collor. O refluxo deve beneficiar Collor e Lula, os que mais sofreram com a invasão da sua área. Mesmo que isso não ocorra e que a maioria dos 10% tome outro rumo, eles dificilmente iriam para Brizola e Covas ou funcionariam para tirar Collor da disputa no turno final. A posição de Collor, a menos que seja afetada por novo fato imprevisível ainda, parece estável.



A decisão final ficará assim por conta do instinto do eleitorado para discernir entre as hipóteses a que mais se põe no modelo ideal com que trabalha. É claro que os políticos poderão ainda influir pois diversos deles dispõem da capacidade de mobilizar para participar de uma opção desde que esta coincida com os sentimentos da massa. É possível prever, por exemplo, que posição tomariam, e com chances de estar interpretando os eleitores que lhes são fiéis, os governadores pemedebistas de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco, os seis estados-chaves na definição das urnas.

Em São Paulo é de todo previsível que Orestes Quêrcia não fique com Lula ou Mário Covas se um desses for a preferência da esquerda. Mas, se for Brizola, deveria ir com ele pois ficar com Collor agrediria a esquerda do seu partido comandada pelo vice-governador Almino Afonso, embora pudesse vir a fazê-lo se a alternativa fosse um dos candidatos paulistas que não admite apoiar. Menos do que em outros estados, o governador de São Paulo ditará rumos aos seus eleitores pois não conseguiu dar um mínimo de densidade eleitoral ao paulista Ulysses Guimarães, figura maior do seu partido mas vítima da rejeição das bases. Os paulistas votarão no segundo turno seja em Collor seja em Lula, Brizola ou Covas independentemente da palavra de ordem do governador.

Em Minas Gerais Newton Cardoso não desfruta de situação privilegiada junto à opinião pública, embora tenha uma vigorosa rede de sustentação nos municípios. Mas na eleição solteira na qual seu primeiro engajamento não funcionou dificilmente teria influência importante no voto mineiro. Pessoalmente ele poderá ir com Collor, com Brizola e com Mário Covas, mas dificilmente suas bases municipais de conteúdo conservador assimilariam a candidatura de Lula. A hipótese a levantar em Minas seria a da opção que fariam o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, e o ex-governador Hélio Garcia, caso o dilema seja Collor-Brizola, isto é, caso esteja Mário Covas fora do páreo. Pimenta iria com a esquerda, mas Garcia é imprevisível.

No Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, os governadores Moreira Franco e Pedro Simon estão condenados a rejeitar Brizola se este chegar ao segundo turno. São lideranças que não se conjugam. Ambos, Franco e Simon, poderiam ir com Lula ou com Covas dada a aspiração dos dois de se situarem na faixa eleitoral que detém o rótulo de social-democrata, mas podem ficar sem alternativa entre Collor e Brizola. Abrir a questão seria mais fácil e mais realista, pois eleitores fluminenses e gaúchos não estão muito atentos ao que pensam seus governadores.

Na Bahia o PMDB, que é o celeiro de votos (votos que não houve) a conquistar, a frente partidária se abriria, com Waldir e seu grupo ficando intransigentemente à esquerda e o governador seguindo sua vocação de político de interior de corte conservador, como o são aliás os demais líderes do seu partido no estado. Em Pernambuco, finalmente, não é segredo o destino de Miguel Arraes, embora sua preferência no segundo turno o faça desejar mais Lula do que Brizola ou Covas. Mas o estilo e a natureza da sua liderança não lhe dão alternativa senão ficar contra Collor ou contra qualquer candidato do centro-direita que se credenciar para o turno da decisão.

Até domingo os institutos de pesquisas, refeitos da situação anárquica a que ficou exposto o processo eleitoral, poderão dar indicações que facilitem a previsão sobre o desfecho da disputa na esquerda, segmento eleitoral que conta com o apoio de mais de 40% das intenções de voto (e não 35% como dissemos ontem).

Carlos Castello Branco